

Mary Shallow Dreams

Frankentraum

Tradução de Renato Roque

Autor: Mary Shallow Dreams
Tradução: Renato Roque
Edições Frantásticas
Tavira, Agosto 2002

Querida irmã:

Vais alegrar-te por finalmente receberes novas deste teu irmão que, apesar de vos enviar notícias tão espaçadamente, tanto em vós pensa. Quando acabar de escrever esta carta entrego-a na primeira povoação que atravessarmos. Queria registar no papel quanto antes todos os pormenores da história inacreditável que te vou contar para não deixar olvidar qualquer pormenor. Aqui, longe de tudo e de todos, não sei quando ou mesmo se a carta um dia te chegará às mãos. Guardo comigo uma cópia para ter a certeza de não perder o que te estou agora a começar a escrever.

Os relatos extraordinários que te vou fazer aconteceram quando viajávamos há já alguns dias no seio do mais denso nevoeiro.. Éramos obrigados a avançar muito devagar. O nevoeiro parecia uma pasta que nos engolia. Quase se ouvia o som da deglutição do veículo. Por vezes o nevoeiro parecia ainda mais espesso e receávamos sair da estrada. Chegávamos a parar o veículo para obsessivamente confirmar os traços brancos pintados que limitam dos dois lados o alcatrão. Nestes longos dias de viagem, em que pouco avançávamos e quase nada víamos, chegava a questionar-me acerca da minha ousadia. Partir à procura de uma espécie de sonho perdido para esta região inóspita era para toda a gente uma grande irresponsabilidade. Bem te lembras do que diziam todos. Hoje como perceberás, a partir do que te vou contar, estou ainda mais certo da razão da minha determinação.

A viagem prosseguia monótona mergulhada no nevoeiro de cortar à faca. De repente, uma sombra atravessou-se à nossa frente. Era eu que ia a conduzir e travei instintivamente. Ouvi o guinchar estridente da borracha no alcatrão. Senti a louça a tilintar no atrelado. O carro deslizou ainda alguns metros na estrada molhada e escorregadia. Olhei para a esquerda e ainda vi um vulto enorme de contornos aparentemente humanos a ser tragado pela vegetação e pelo nevoeiro. Seria real? Um urso? Não havia ursos nesta região. Seria uma ilusão de óptica provocada pelo nevoeiro? Por um momento fechei os olhos e o cansaço aproveitou para ficar. Acordei o meu companheiro, de quem já te falei em cartas anteriores, e pedi-lhe para passar para o volante. Trocámos de posição e o cansaço fechou-me os olhos definitivamente. Não sei quanto tempo dormitei.

Acordei com o meu companheiro a sacudir-me, a chamar por mim. Homem de poucas falas, mas em quem se pode confiar, já to disse. Pensei que era tempo de voltar ao volante mas ele apontava um vulto caído na beira da estrada. Abri a porta do meu lado, saí e aproximei-me com receio, pois não fazia qualquer sentido um homem naquele lugar, com aquele tempo. Mas era um homem e parecia inconsciente. Toquei-o e estava gelado. Ergui-lhe a cabeça e dei-lhe a beber um pouco de brandy. Abriu os olhos e a primeira reacção foi tentar levantar-se e prosseguir a marcha. Parecia nem nos ver. Mas estava demasiado fraco e caiu. Queria erguer-se novamente. Parecia transtornado. Pedi ao meu companheiro para ir ao carro buscar um calmante. Tentei dominar aquele homem alucinado e dei-lhe mais um golo a beber. Obriguei-o a engolir o comprimido que o meu companheiro me trouxera. Pouco depois pareceu serenar e aceitou ser conduzido para o atrelado. Despimo-lo. A capa estava encharcada. As roupas estavam num estado miserável, rotas e sujas. Eram também estranhas. Não percebi qual a sua origem. Depois de deitado o homem caiu num sono profundo, ainda que de quando em vez entrecruzado com gritos incompreensíveis e

movimentos bruscos. Mas logo voltava a cair nas malhas do sono. Decidimos que aquele de nós que não conduzia ficaria ao seu lado no atrelado para o vigiar. Mas na verdade fui quase sempre eu que estive de vigia ao seu lado. Havia alguma coisa naquele homem que me atraía e encarava essa vigília como uma espécie de missão e o meu companheiro aceitou de bom grado ser ele a conduzir quase sempre. Avançávamos ainda mais devagar, pois ele tinha de descansar e eu não queria abandonar o estranho sozinho.

Apercebi-me de que o desconhecido, quando gritava, parecia pronunciar muitas vezes a palavra "Frankentraum" que parecia ser um nome. Dormiu 48 horas seguidas. Quando acordou parecia muito mais calmo e aceitou beber leite quente e comer algumas bolachas. Não parecia querer falar e eu não forcei. Permaneceu calado durante dias, limitando-se a pronunciar uns sins e uns ãos, de resposta às perguntas que lhe fazia. Parecia aceitar o seu destino qualquer que ele fosse. Não sabia se era louco ou desesperado. Havia no entanto, como te confessei, algo nele que me seduzia. Nos momentos de calma os seus olhos, apesar de raiados pelo desespero, reflectiam seriedade e determinação. Sabes por cartas anteriores quanto me faz falta um amigo sincero por estas terras brancas de nevoeiro. Nunca fui de fazer muitos amigos e então nesta terra do Nada já tinha perdido a esperança. O meu companheiro, tendo as qualidades que te descrevi doutras vezes, não está disponível para as minhas angústias e inquietações.

O enfermo permanecia sentado à minha frente, quase imóvel e sempre calado, mas parecia mais sereno. Para o distrair e, confesso, no intuito talvez egoísta de procurar conquistar a sua amizade e admiração, resolvi então contar-lhe a minha vida e em especial a minha aventura de caçador de espécies raras de sonhos. Quando me ouviu falar em sonhos pareceu ficar aflito, congestionado, e ao tentar expressar-se, ainda muito fraco, parecia dizer coisas sem grande nexos.

- Desgraçado! Partilhais a minha loucura? Também bebestes por acaso a poção maléfica? Se conhecêsseis a minha história afastaríeis essa taça venenosa de vossos lábios! Sonhos à solta!... Desgraça!

Não compreendia a sua exaltação, acalmei-o mais uma vez e resolvi calar-me e esperar mais algum tempo pelo seu fortalecimento. Ele encostou-se para trás, fechou os olhos e não pronunciou mais uma palavra durante muito tempo.

Poucos dias depois já passava o tempo todo sentado junto à janela, a olhar para o exterior que passava a poucos quilómetros à hora, como se buscasse alguma coisa que desse sentido à sua existência. As conversas continuavam raras e curtas. Até que um dia, quando nada o parecia indicar, o desconhecido começou o seu longo e extraordinário relato.

O relato era longo e durou vários dias, pois muitas vezes eu ou ele fomos obrigados a interromper. Ele ainda se emocionava muitas vezes com o que contava e tinha de descansar. Eu era frequentemente chamado pelo meu companheiro para resolver problemas que surgiam durante a viagem. O nevoeiro era ainda mais espesso e a viagem mais difícil. Tirei notas diariamente, pois o carácter extraordinário dos factos que ele me confessou a isso obrigava, e queria um dia mais tarde poder descrevê-los com todo o rigor. Tomei essa resolução no momento em que percebi que aquilo que

me contava podia ser crucial para a minha viagem e para o meu projecto. Procuo nesta carta alinhar pela primeira vez os inúmeros rascunhos e notas que tomei durante o relato que ele me fez. Conto-te em primeira mão querida irmã tudo aquilo que ouvi deste homem infeliz.

- Chamo-me Frankentraum, Viktor - começou assim a longa história da sua vida - Há quanto tempo estou neste atrelado?
- Apenas há alguns dias.
- Nunca mais o encontro! - e enterrou a cabeça nas duas mãos esqueléticas.
- Quem?
- Ando à procura de quem destruiu a minha felicidade. E por minha culpa. Caminho há muitas semanas como um animal de caça à sua procura. Encontro rastros, encontro pistas mas ele sempre me escapa. Creio tê-lo perdido!
- Quem?
- Não tem nome. Mas não sei se por crueldade se por sentido de humor apresenta-se com o meu nome: Frankentraum!
- Como é ele?
- Enorme, gigantesco, disforme, mas sedutor como ninguém, como só um sonho pode ser...

Ao ouvi-lo pronunciar GIGANTESCO lembrei-me daquela sombra enorme que vira a atravessar a estrada e que tomara por ilusão. Falei-lhe nisso e ele pareceu novamente voltar a um estado febril. Perguntou-me como era a sombra e eu pouco lhe pude dizer pois era isso mesmo, uma sombra vaga e sem definição. Perguntou-me em que direcção seguia e eu informei-o que atravessara a estrada e portanto seguira para leste. Exigiu parar o carro para poder continuar a perseguição. Pediu um mapa. Gesticulava e os olhos brilhavam de excitação. Acalmei-o e prometi virar no próximo cruzamento na direcção que a sombra tomara. Tentei convencê-lo de que tinha mais probabilidades de a encontrar com o apoio do carro. Aceitou e de novo pareceu acalmar. Sentou-se e então começou de facto a contar a história da sua vida e de Frankentraum. De vez em quando interrompia o relato para perguntar ansioso se já tínhamos desviado para leste. Só pareceu sossegar quando se sentiu o carro a voltar à direita e eu lhe comuniquei que já seguíamos na direcção do oriente.

O desconhecido nascera na Suíça numa pequena cidade junto a um lago como todas as pequenas cidades na Suíça. A sua família era uma família respeitada de comerciantes locais. O pai, homem de uma forte personalidade, casara já com uma certa idade com uma senhora muito bela e bastante mais nova. Ele nascera pouco depois, mas a mãe sempre quisera ter uma filha e decidiram por isso adoptar uma rapariga, apenas um ano mais nova do que Viktor. Os pais tiveram mais tarde mais dois filhos, dois rapazes.

Viktor tinha sido sempre uma criança interessada em encontrar a resposta a todos os porquês. A casa dos pais, os amigos da família estimularam-lhe o espírito da descoberta. Sempre fora uma criança empreendedora, inventando os seus jogos e brincadeiras. Sempre fora uma criança rebelde e sensível, disposta a lutar por aquilo que entendia ser justo. O espírito de justiça herdara-o do pai. A enorme sensibilidade da mãe.

A sua relação com a irmã fora sempre de uma certa ambiguidade pois, apesar de irmãos, existira desde o início uma enorme atracção entre eles e mesmo a sua querida mãe ao morrer lhes expressara o seu mais profundo desejo de que pudessem casar. Também fora esse o seu mais ardente desejo que não chegara a consumir. Neste momento os olhos humedeceram-lhe e quase parou. Ela chamava-se Elisadeath, prosseguiu, quase sussurrando. Pelo tempo do verbo utilizado, presumi que ela teria morrido. Seria esse o motivo do seu desespero?

Ao chegar aos 18 anos decidiram que Viktor deveria prosseguir os estudos na Universidade da capital. Despediu-se da irmã, dos irmãos e do pai e partiu para a viagem que iria mudar a sua vida. A viagem para a capital, informou-me, durava muitos dias. Os cavalos tinham de atravessar os Alpes e no Inverno era mesmo quase impossível viajar. Eram forçados a longos desvios para evitar as montanhas.

Julguei que ele delirava. Os Alpes são atravessados por modernas auto-estradas para já não falar das viagens de avião. Mas à medida que ele me fazia o seu relato fui percebendo que aquele homem estava firmemente convencido de que ainda vivia no século XVIII. Já estranhara anteriormente o tom demasiado cerimonioso que adoptava quando se me dirigia. Tentei, ao redigir esta carta, ser fiel ao tom que ele adoptou quando me contou a história que agora reproduzo.

Um dia, para provar a minha ideia do destempo na cabeça daquele homem, perguntei-lhe:

- Em que ano estamos, Viktor?

- Pensareis que estou louco, já não tenho bem a certeza. - quando o ouvi confessar isto pensei que me tinha afinal enganado e que Viktor tinha a percepção de ter perdido a noção da realidade temporal, mas ele, após uma breve hesitação, logo prosseguiu - Não sei se ainda estamos em 1797 ou 1798. Percebereis porquê quando eu acabar de vos contar a minha história.

Depressa se integrou na Universidade. A sua capacidade de adaptação a novos ambientes por mais hostis que fossem tinha sido sempre grande. E a grande cidade atraía-o. Saía, divertia-se e fazia amigos. Até que um dia um cartaz no átrio principal da Universidade lhe chamou a atenção: Traumvoll, um físico alemão, ia dar uma conferência sobre a construção e manipulação de sonhos. Nesse dia não tinha nenhum programa e decidiu assistir.

Traumvoll era um homem pequeno, de idade indefinida. Cabelos compridos, revoltos. Era um homem estranho, solitário, considerado extravagante por funcionários, colegas e alunos da Universidade, onde era responsável pelo Departamento de Onirotologia. Alguns consideravam-no mesmo louco. Mas o que atraía nele eram os olhos. Apesar de pequenos pareciam querer ser projectados para o exterior. O homem gesticulava com energia e entusiasmo e apresentava as ideias, a que chamava revolucionárias, sobre a construção de grandes sonhos por fusão de pequenos sonhos. A sala da conferência foi-se esvaziando, mas Viktor não conseguia deixar de o olhar fixamente e de beber com sofreguidão todas as palavras daquele homem singular. Tudo aquilo que ele dizia fazia sentido. E quem um dia conseguisse provar aquelas ideias, conseguiria transformar por completo o mundo.

No fim da conferência Traumvoll aceitou conduzir Viktor ao seu laboratório e explicou-lhe a utilização dos diferentes instrumentos. Deu-lhe também, a seu pedido, uma lista de livros para estudar Onirotologia. Assim findou aquele dia memorável que decidiu do seu futuro.

Viktor leu todos os tratados recomendados por Traumvoll. Ia com frequência visitar o professor para discutir o conteúdo das obras que terminava. Traumvoll aceitou por fim, perante o entusiasmo daquele jovem, que ele se tornasse seu único assistente.

Viktor, durante os meses seguintes conciliava os estudos com o trabalho nocturno no Laboratório de Traumvoll. Era um aluno brilhante. Deixou de sair à noite e esqueceu-se dos amigos. Os meses transformaram-se rapidamente em anos. Os progressos na Onirotologia foram naturalmente rápidos. Durante todos estes anos nunca regressou à terra natal e raramente escrevia. As cartas que recebia, dos pais e da irmã, reflectiam a preocupação da família. Nas poucas vezes que respondia fazia-o laconicamente e prometia cada ano o regresso durante as férias de Verão. Mas acabava sempre por encontrar uma desculpa para ficar e prosseguir e aprofundar o trabalho no laboratório.

No último ano de estudos universitários já dominava o processo de transferência dos sonhos do coração para as retortas. Mas os sonhos não resistiam muito tempo nas provetas onde decantavam. O processo de fusão continuava a falhar. Os sonhos chiavam e voltavam a separar-se. Tinha imposto a si próprio nesse ano regressar finalmente a casa durante as férias, onde pretendia ficar durante todo o Verão. O professor Traumvoll já lhe tinha prometido um lugar de professor, como seu colaborador, na Universidade.

No dia do último exame, em vez de comemorar com os colegas a licenciatura que obtivera com a mais elevada classificação e de se preparar para a viagem do dia seguinte, decidiu terminar algumas experiências no laboratório. Nessa mesma noite conseguiu finalmente fundir dois pequenos sonhos. Tinha descoberto o princípio da fusão dos sonhos a baixa temperatura.

Nesta altura Viktor olhou para mim e pediu-me que não pensasse que aquelas eram palavras de um louco. Parecia loucura, mas era verdade e aí estava a sua vida desgraçada para o provar. Queria que a sua história servisse ao menos de exemplo. Queria que eu compreendesse quão perigoso é conhecer certas coisas, querer mudar e controlar os sonhos da humanidade. Um homem não pode controlar os sonhos da Humanidade.

Não contou nada a ninguém sobre o sucesso inesperado na fusão de sonhos, nem mesmo a Traumvoll. Voltou a procurar os amigos para lhes pedir os seus sonhos. Os amigos não percebiam e o seu ar transtornado não ajudava, mas alguns acediam e deixavam-no levar alguns dos seus sonhos consigo. Reuniu os sonhos de que se lembrava do pai, da irmã e dos irmãos. Alguns dos sonhos da irmã emocionaram-no um pouco e quase os guardou no coração, mas a missão a que se dedicava obrigava-o a esquecê-los e a juntá-los aos baús de sonhos, onde reunia todo o material para a experiência. Até alguns sonhos da mãe, de que se lembrava, juntou. Demorou algumas semanas a reunir o material necessário para começar.

Fingiu partir para casa dos pais em férias, mas em vez disso alugou uma pequena casa na periferia da cidade onde montou o laboratório e para onde se retirou para iniciar definitivamente o projecto de construir um sonho enorme feito de milhões de pequenos sonhos. Queria um sonho enorme, um sonho de toda a humanidade, capaz de transformar o mundo, de acabar com a fome, a guerra e todas as injustiças e de construir um mundo novo, baseado na igualdade, na justiça e na solidariedade. E assim continuou a adiar o regresso a casa. Sabia como se sentiriam os pais e em especial a irmã, quase morta de saudades, mas adiava o regresso, pois não conseguia adiar a sua sede de sucesso. Pensava então que esse sucesso justificava tudo. Hoje sabia que os sonhos que diminuem o nosso gosto pelas coisas simples e belas da vida já não são sonhos, embora não soubesse que nome lhes dar.

Era evidente que Frankentraum desconhecia a Teoria da Relatividade Restrita dos Sonhos. Muito do que me confessou evidenciava essa ignorância. Uma vez que tentei explicar-lha olhou para mim, como se eu tivesse perdido o juízo. Viktor ignorava portanto que os sonhos ao sair do coração se transformam em dessonhos com spin igual a 1 o que torna quase impossível a sua recuperação sem deformação. Como compreender este facto num cientista, num homem que provava trabalhar na área da física onírica, como eu? Perguntava-me nesta altura se esta seria uma prova mais de que Viktor vivia ou pensava que vivia no século XVIII, não podendo portanto conhecer a TRRS e apenas intuir esta transformação sonho-dessonho que não conseguia explicar. Mas isso seria inacreditável e eu afastava esta ideia da cabeça.

Viktor vivia então apenas da exaltação do sucesso. Quase não via a luz do dia. Vivia encerrado no laboratório. Ia fundindo os pequenos sonhos com dificuldade pois a fusão era muito crítica e difícil de estabilizar. No seu laboratório a massa de sonho crescia. Sempre que conseguia acrescentar um sonho exultava. Por vezes, perante insucessos continuados com sonhos mais difíceis, quase desesperava. Para o fim não fazia mais nada senão fundir sonhos. Quase não dormia. Quase não comia. A empregada que lhe levava a comida, quando ele abria a porta, tinha medo do seu ar alucinado. Mas passados alguns meses tinha reunido todos os sonhos numa massa enorme onírica e ele quase sufocava pois o sonho ocupava quase todo o espaço do laboratório. Parecia pulsar e ter vida própria e nessa altura ele, exausto de exaltação, sentou-se num sofá num canto da sala, não aguentou mais e adormeceu. Já não dormia há vários dias e não sabe ao certo quantas horas dormiu.

Acordou com o fragor de vidros estilhaçados e de madeira partida. O sonho destruíra o laboratório. Os vidros resultantes do escaqueirar das provetas, tubos de ensaio e retortas cobriam o chão como um tapete, os móveis jaziam partidos cobertos de papéis e de livros rasgados. O laboratório estava já quase todo destruído. O sonho tentava escapar pela janela estilhaçada, mas não conseguia devido ao seu tamanho. Guinchava e Viktor percebeu os seus intuitos destruidores e assassinos. Só ao contemplar a destruição que o rodeava se apercebeu do perigo que aquele sonho que criara poderia representar. Tinha com certeza cometido algum erro ao fundir os sonhos. Só muito mais tarde, lamentou-se, conseguiu compreender que não se pode fundir todos os sonhos da Humanidade num único sonho colectivo, mas que os sonhos da Humanidade só podem ser o resultado de milhões de pequenos sonhos individuais, deixados no coração de cada homem e de cada mulher. Saiu da sala a rastejar, sem que o sonho reparasse nele, e na cidade reuniu um grupo de assalariados. Voltou e construiu um enorme muro reforçado com fosso e arame farpado electrificado à volta

do laboratório. O edifício do laboratório já mostrava sinais evidentes de grande destruição, portas e janelas arrancadas, buracos nas paredes. Viktor tapava os ouvidos para não ouvir os grunhidos do sonho em desespero. Sabia que tinha de impedir o sonho de sair e as pessoas de entrar e de saberem da existência daquela criatura. Completado o muro e deixando alguns homens armados, encarregados de o chamar se houvesse problemas, voltou à cidade, sem ainda saber se deveria conversar com os colegas da Universidade sobre a sua criação e até avisar a polícia.

Na cidade instalou-se num pequeno hotel onde já residira quando chegara à Universidade. Talvez Traumvoll fosse a pessoa ideal a quem contar tudo, pois não fora ele quem o induzira na sua louca aventura? Procurou-o e informaram-no que tinha morrido encerrado num hospício, pouco depois da sua partida, sozinho e enlouquecido pelas ideias insanas que propagara. Viktor estremeceu. Procurou outros professores mas não conseguiu contar nada. Percorria o corredores do edifício e parava à porta dos colegas e dos seus mestres, sem ter coragem para entrar. Todos o tomariam também por louco e afinal a criatura estava bem aprisionada e acabaria por morrer longe do coração dos homens.

Andou, andou sem parar às voltas na cidade, quase dois dias seguidos, sem conseguir tomar uma resolução sobre o que fazer. Quando atravessava a Praça Principal ouviu alguém chamar pelo seu nome, voltou-se e deu de caras com Henry Clairdelune. Henry tinha sido o seu melhor amigo desde os tempos de infância. Conseguira finalmente convencer o pai a deixá-lo vir para a Universidade estudar línguas e civilizações orientais, em vez de o obrigar a ficar amarrado como guarda-livros ao negócio familiar. Henry notou quase de imediato a angústia e desespero de Viktor mas, bom amigo, não lhe perguntou nada, pois esperava que ele se abrisse e confessasse o que o perturbava daquela forma.

Foram juntos para o hotel onde Viktor se hospedara e no quarto quando Henry lhe dava notícias do pai, da irmã, dos irmãos e dos amigos comuns, Viktor não aguentou mais e desmaiou. Não comia decentemente há meses e há duas noites que não dormia. O amigo temeu pela sua vida. Chamou um médico que lhe disse que o deixasse repousar. Nada mais se poderia fazer. Henry não saiu um só momento do quarto. Quando Viktor acordou, Henry lá estava, a olhar para ele.

- Meu caro Viktor! Meu amigo! Não te queria perguntar nada, mas agora tenho de o fazer. Temi pela tua vida! Que se passa contigo. Estás doente? - mas vendo a sua agitação quando o questionou, imediatamente mudou de assunto e lhe começou a falar do que acontecera durante o seu longo sono.

Durante os dias que se seguiram não voltou ao assunto, parecendo apenas preocupado com que Viktor comesse bem e descansasse. Todos os dias o médico o visitava e continuava a aconselhar apenas repouso e boa alimentação.

Até que um dia de manhã Henry lhe entregou uma carta que chegara de Elisadeath e que ele leu com ansiedade.

Meu querido irmão:

Sei que estiveste doente, pois o bom Clairdelune escreveu-me. Mas também sei que te estás a restabelecer. Queremos que regreses. Todos esperamos por ti. O teu pai está bem apenas melancólico devido à tua longa ausência. Não lhe falei na tua doença para não o preocupar. Senão queria ir ter contigo e eu não tenho a certeza se seria bom para ti. Sei que Clairdelune garante que estás a ser bem tratado. Os teus irmãos estão uns homens. Não os reconhecerás, em especial William que já está com oito anos. É rebelde mas generoso como tu.

Tua irmã, que te adora até à morte

Elisadeath

Depois de ler a carta Viktor quis regressar de imediato mas ainda era Inverno e Henry sabia que a viagem através das montanhas ainda era muito dura para ele. Decidiram então fazer juntos a viagem de regresso na Primavera, logo após o degelo.

Uma semana antes da partida já tinha arrumado quase todas as coisas de que necessitava para a viagem. Não tinha coragem de ir ao laboratório, onde deixara quase tudo que possuía e o monstro a que dera vida. A Primavera anunciara-se com lindos dias de sol. Foi então que sucedeu a primeira grande desgraça. Inesperadamente recebeu uma carta do pai. Quando a abriu e começou a ler as mãos tremeram-lhe e a carta caiu no chão. Henry viu tudo, aproximou-se, pegou na cara e leu-a:

Querido filho:

Não podes imaginar como me custa escrever-te esta carta. Mas sou obrigado a fazê-lo pois é melhor saberes tudo o que aconteceu contado pelo teu próprio pai. Quando nesta casa se respirava alegria, a tua irmã parecia uma borboleta a esvoaçar pela casa, sem saber onde pousar, todos ansiávamos pelo teu regresso após tantos anos de afastamento, a maior desgraça caiu sobre nós. O teu irmão William morreu. Quando não apareceu para jantar todos o procurámos. Foi encontrado morto no dia seguinte na floresta. Os médicos não conseguem explicar o que aconteceu. Tinha o coração pequenino, mirrado como um caroço de azeitona. Há quem fale já em bruxaria! Nesta época em que a Ciência nos desvenda os mistérios do mundo ainda há quem invoque a bruxaria para explicar a morte do nosso querido William. Volta depressa. Só a tua presença pode servir de bálsamo para o nosso sofrimento.

Teu pai

Alphonse Frankentraum

Como compreender que o pai de Viktor, homem educado e instruído, desconheça a doença hipo-onirismo - a quem o povo chama raquitismo onírico - provocada pelo esvaziamento completo de sonhos do coração? É uma doença fatal que ainda há

pouco tempo foi objecto de muitas manchetes nos jornais e revistas de todo o mundo. E como explicar a ignorância dos médicos? Eu tenho comigo a carta de Alphonse Frankentraum que Viktor me mostrou, o que prova a sua veracidade. É uma carta manuscrita e assinada por A. Frankentraum, mas o mais extraordinário é a data: mil setecentos e noventa e qualquer coisa. Uma mancha de humidade impede de ler o último algarismo da data. É mais uma prova do encontro dos dois tempos em Frankentraum.

Henry tentou reconfortá-lo mas o estado de Viktor, ao sentir-se impotente e longe dos seus, era de uma tristeza imensa, profunda. Anteciparam a partida para o dia seguinte.

A viagem dos dois amigos foi dolorosa. Durou vários dias. Apesar de já ter passado bastante tempo Viktor parecia ainda não estar totalmente restabelecido ou então era a morte do pequeno irmão que o afectava e durante a viagem muitas vezes foi acometido de febre que felizmente nunca foi muito alta.

Chegaram à cidade natal já no crepúsculo de um dia cinzento e triste. Ao entrar numa rua central, a caminho da casa da família, Viktor viu uma sombra a passar rente à carruagem onde seguiam e esgueirar-se por um beco estreito e escuro. Foi apenas uma fugaz visão mas Viktor teve a certeza de que era a criatura que encerrara no laboratório. Agora compreendia tudo. Tinha sido ela que assassinara William. Tinha sido ele que, pelas mãos da sua criação, tinha morto o inocente irmão. Mas não, não podia ser, pois a criatura estava encarcerada no laboratório e guardada por homens armados. Quis parar a carruagem. Henry julgou que delirava e procurou acalmá-lo. Por fim, pareceu finalmente resignar-se e aceitar prosseguir para casa dos pais.

Quando chegaram, os criados chamaram o pai, a irmã e o irmão. O pai apesar da sua idade correu para ele e abraçou-o com os olhos húmidos. A irmã beijou-o e apertou as mãos nas suas. Esperavam que o seu regresso trouxesse de novo a alegria de viver à família.

O primeiro dia em casa do pai, apesar da alegria da proximidade de Elisadeath, foi para Viktor de uma melancolia imensa. Henry regressou à Universidade para finalmente se inscrever e iniciar os estudos. Viktor quis saber como tudo se passara, com todos os pormenores. Via-se que o pai lhe procurava esconder alguma coisa. Foi finalmente obrigado a revelar que uma criada da casa tinha sido presa acusada da prática de bruxaria. Acusada do homicídio do irmão. Tinham encontrado no seu quarto a medalha de ouro que o assassino roubara a William.

Viktor perdeu o controlo, a clamar pela inocência da rapariga. O pai a princípio julgava que esta indignação se devia apenas à acusação medieval de bruxaria, mas Viktor defendia com tenacidade que a rapariga estava inocente. Que o culpado era outro...

- Como sabes? Porque estás tão certo de não foi ela? - perguntava o pai - Não sabes que encontraram no seu quarto a medalha que arrancaram ao William, quando o mataram?

Mas Viktor nem ao seu próprio pai tinha a coragem de contar o que sabia. Sem dar muitas explicações, lembrou que a rapariga estava há muitos anos lá em casa e todos a

conheciam bem e dispôs-se a ir ao julgamento no dia seguinte, clamar pela inocência de Justine. Também Elisadeath afirmou acreditar na inocência de Justine e apoiou Viktor, parecendo mesmo aliviada, pois também não acreditava na culpa daquela rapariga que há tantos anos servia a família e sempre se mostrara tão dedicada.

No dia seguinte decorreu o julgamento de Justine. As provas eram circunstanciais e os antecedentes da acusada eram bons mas de nada valeram. Nem mesmo o depoimento de Viktor convenceu os jurados. Justine embora inocente, era profundamente católica, considerava-se culpada e encarava o julgamento como castigo divino. Permaneceu calada sem nada dizer e incapaz de se defender. O seu mutismo foi considerado como sinal de culpa pelos membros do júri que pareciam sentir necessidade de encontrar um culpado, para se sentirem mais seguros. Justine foi condenada e Viktor, não ousando contar o que sabia, sentiu-se também condenado pelas sentença de morte do juiz.

Justine foi enforcada.

Dois dias após o enforcamento souberam que tinham encontrado mais duas crianças e um adulto morto com os mesmos sintomas. Era um camponês que trabalhara na casa da sua família durante muitos anos e os seus dois filhos. Um deles era afilhado de Viktor. Era mais uma prova de que Justine estava inocente.

A casa outrora cheia de risos e de felicidade era um túmulo lúgubre para aquela família enlutada. Na semana seguinte à da morte da criada Viktor lia o jornal sentado junto à janela da sala, aberta sobre o jardim. O Verão passava sem a cor e os cheiros que o Verão normalmente tinha. De repente, ergueu-se e correu desesperado para Elisadeath, que não compreendeu o que se passava.

- Tenho de regressar à capital, à Universidade! Meu pobre Henry!
- Mas o que se passa? - perguntou Elisadeath, ansiosa.
- Henry morreu na capital, tenho de regressar.
- Henry?...Como sabes?
- Está no jornal!

Abraçaram-se. Viktor tremia e as palavras saíam-lhe enoveladas.

- Tenho de partir ainda hoje!
- Espera por amanhã, não podes fazer nada! - pediu-lhe Elisadeath.
- Não, parto agora!
- Vou contigo!
- Não. O meu pai precisa de ti -Elisadeath teve de reconhecer que sem ela o pai e o irmão ficariam perdidos e resignou-se.

Viktor correu para o quarto onde reuniu apenas o essencial para a viagem e gritou pela janela a um criado para lhe prepararem um cavalo. Elisadeath pegou no jornal que Viktor lia, espalhado no chão junto ao sofá, e na primeira página leu:

Encontrados vários homens mortos perto de uma casa a cerca de 5km da capital.

Um pastor encontrou vários homens mortos há várias semanas perto de uma casa isolada a cerca de cinco km a norte da capital. O local é quase deserto e a descoberta foi feita por acaso por um dos cães do pastor. Os primeiros exames indicam algo muito estranho pois todas as vítimas tinham o coração definhado, como que espremido por alguma força sobrenatural. A casa e o seu conteúdo estavam completamente destruídos como se um tufão a tivesse arrasado. Parecia abandonada há muito tempo.

A notícia é preocupante porque há dois dias um homem foi encontrado morto num quarto de hotel da cidade com exactamente os mesmos sintomas. Trata-se de Henry Clairdelune estudante do curso de Línguas Orientais na Universidade. Não parece haver qualquer relação entre os mortos. A polícia investiga mas ainda não há qualquer pista. Há o receio de este achado bizarro poder gerar um clima de pânico na região, mas até agora mais nenhum outro caso foi registado.

Seguia-se uma entrevista com o inspector encarregado do caso em que este nada de objectivo adiantava. Elisadeath percebeu que a notícia podia estar relacionada com a morte de William mas não percebia que tipo de relação poderia existir.

Viktor partiu sem sequer se despedir do pai e dos irmãos que não estavam. Elisadeath, mulher abnegada, continha o choro e recomendava-lhe mil cuidados.

A viagem de regresso foi mais uma viagem dolorosa. Por um lado Viktor queria chegar o mais depressa possível por outro lado tinha um medo terrível do que poderia encontrar. Era Verão e os caminhos estavam bons. A viagem foi por isso muito rápida. Por outro lado Viktor mal conseguia dormir. Deitava-se e dava mil voltas na cama antes de adormecer mal, um dormir interrompido com meios acordares, em que os fantasmas do irmão e de Henry o visitavam. Levantava-se portanto sempre de madrugada, logo que o dia despontava e retomava a viagem.

Quando chegou à capital a primeira coisa que fez foi visitar o laboratório. O muro estava arrasado. Era difícil alguém concluir que lá dentro existira um laboratório. A casa estava despedaçada. No seu interior nada restava inteiro. Os restos mortais dos guardas que deixara a guardar a prisão que construía não eram visíveis. Tinham com certeza sido levados para enterrar decentemente. Ali nada havia a ver ou a fazer.

Viktor regressou à cidade e dirigiu-se à esquadra da polícia. Pediu para falar com o comissário encarregado do caso. Não esperou muito. Mandaram-no entrar para um pequeno gabinete cheio de fumo de cigarro e amontoado de papéis e de pastas onde com certeza se arquivavam casos e mais casos, provas e mais provas, vidas e mais vidas. O inspector era um homem de meia idade, alto, careca, com cabelo claro, cortado muito curto. A mão que lhe estendeu era forte e musculosa. Os olhos de cor indefinidos mas claros. Viktor identificou-se e o inspector informou-o que queriam mesmo falar com ele. Tinham encontrado no quarto de Henry vários livros com o nome de Viktor e tinham depois concluído que a casa destruída onde os homens apareceram mortos tinha sido alugada por ele e queriam esclarecer a coincidência.

Viktor contou apenas meia verdade. Falou no laboratório. Disse ter tido indícios que havia intenções de o assaltar durante as suas férias na cidade natal e que contratara os

homens para guardar a propriedade durante a sua ausência. O inspector queria saber o que tinha de tão valioso no laboratório para atrair a cobiça dos presumíveis assaltantes, mas Viktor escusou-se, argumentando que eram trabalhos muito importantes mas confidenciais, sobre os quais não poderia dar informações. Disse não conhecer nenhuma relação entre a morte do amigo e dos guardas. O inspector não pareceu totalmente convencido, mas não insistiu. Perguntou-lhe finalmente se estaria na disposição de restituir à família de Henry os bens que o amigo tinha deixado no seu quarto e na Universidade. Era esse o desejo expresso pelo pai de Henry numa carta que receberam depois de o informarem da morte do filho.

Henry tinha sido enterrado num cemitério da capital. Nem sequer tinha podido regressar à terra em que nascera para aí alimentar o ciclo químico das plantas e dos animais. Viktor visitou a campa do amigo e chorou lágrimas de dor e de saudade. Depois hospedou-se no hotel do costume. De manhã inspeccionou os bens de Henry, que eram escassos, no quarto que este alugara. A maioria eram livros de estudo e roupas que pediu para entregarem na Universidade e nalguma instituição de caridade. Reuniu o que sobrava para levar consigo e restituir ao pai de Henry.

Viktor regressava a casa dos pais como emissário da morte. Da morte do seu mais querido amigo. Durante a viagem teve tempo para reflectir na lógica por detrás dos actos da criatura a quem dera vida. Até ao momento já matara várias pessoas, mas todas elas eram da sua relação, muitas a quem pedira sonhos para construir o monstro. O sonho parecia sugar o coração da vítima, provocando-lhe a morte. Havia como que uma atracção do sonho monstruoso pelas pessoas que ele conhecia e amava. Seria vingança? Faria sentido utilizar esta palavra? Ou o sonho limitava-se a cumprir o seu destino de criatura diabólica e maldita?

No século XVIII não se conhecia a TRRS e desconhecia-se a deformação do espaço tempo criada por uma grande massa onírica. Desconhecia-se que se essa massa for muito grande e concentrada provoca um fenómeno conhecido como um buraco negro onírico, que atrai outros sonhos e os engole. Se Viktor, sendo um homem instruído e um cientista, fosse um homem do nosso tempo teria dito muito simplesmente que o deus se limitava a respeitar as leis da Física Onírica.

A viagem foi sem percalços. A visita ao pai de Henry, para devolver as parcas memórias do amigo que transportara consigo, foi quase insuportável. Henry era filho único e o pai, viúvo, culpava-se por ter deixado o filho partir para a capital.

Deixou o velho Clairdelune afundado na escuridão da sala fechada da casa que tão bem conhecia desde a infância. Quando chegou à porta do lar paterno reparou de imediato que a casa estava totalmente fechada. Estava um dia bonito, o sol brilhava, mas as portas e as janelas estavam todas fechadas e as cortinas corridas. Sentiu um baque e um suor frio escorreu-lhe na testa.

Estugou o passo, quase correu e abriu a porta da frente. Ao entrar de imediato compreendeu a razão de ser do encerrar daquela casa de que ele se lembrava sempre aberta para o exterior. A família e um grupo de amigos reuniam-se à volta de um corpo rodeado por velas e coberto de flores. Viktor correu e antes de reconhecer alguém viu o corpo estendido do pai. O rosto ainda trazia a angústia e o desespero que sentira perante a morte. Só quando se sentiu desfalecer reconheceu o rosto de

Elisadeath e do irmão. Sentiu uma mão forte ampará-lo e transportaram-no para o seu quarto onde o deitaram. Chorou até despejar todo o sal que ainda tinha, pelo menos julgava ele. Elisadeath permaneceu sempre a seu lado, confortando-o, mas nem a sua presença o conseguia serenar. Finalmente seco de sal ergueu-se e reuniu-se aos amigos que velavam o pai. Só nesse dia à noite lhe contaram que o pai há dias que enfraquecia a olhos vistos, parecia triste, deprimido e na última noite encontraram-no frio e sem vida. A morte tinha sido causada por uma doença idêntica à de William. O coração mirrado, do tamanho de um alfinete, suçubrara.

O pai foi enterrado no dia seguinte. No funeral estava muito pouca gente. As mortes misteriosas estavam a provocar o pânico e as gentes ignorantes da cidade, mesmo alguns amigos, tinham medo do contágio.

Como explicar este pânico? O hipo-onirismo - conhecido pelo povo como raquitismo onírico - raramente é contagioso e tal facto é do senso comum. Ao contrário do hiper-onirismo, provocado por um excesso de sonhos acelerados no coração, com os efeitos descritos pela TRRS e que é uma doença altamente contagiosa.

Mas a desgraça ainda estava no princípio. O irmão aproveitou um momento em que estavam só os dois após o funeral para lhe revelar as preocupações que sentia relativamente a Elisadeath.

- Não come, mal dorme. Está cada dia mais pálida. Temo por ela. Tens de fazer alguma coisa!

Viktor recriminou-se por na aflição não ter reparado em nada. Querida Elisadeath permanecera a seu lado confortando-o, quando era ela que mais necessitava de ser confortada.

Procurou-a e só então ao perscrutar-lhe o fundo dos olhos se apercebeu do vazio que lá existia. Onde estavam aqueles olhos vivos, alegres que ele amava? Agarrou-lhe as mãos e sentiu um ligeiro trémulo.

- Elisadeath! Meu amor! Temos de chamar o médico.

- De nada vale. Já me disse que não compreende o que me causa este cansaço e esta fraqueza. A tristeza percebe-se donde vem, mas é muito mais que tristeza...

- Tens de te deitar e de repousar.

Viktor chamou o médico e obrigou-o a estar as 24 horas do dia em sua casa. O médico, que era amigo da família, acabou por aceder, apesar de saber que nada havia a fazer, ou pelo menos ele não sabia o que fazer.

Elisadeath durou menos de três dias e quando ela ainda era viva o irmão caiu de cama com os mesmos sintomas.

Viktor julgou que enlouquecia. A única coisa que lhe deu forças para não procurar voluntariamente a morte foi o desejo de vingança. Tinha de procurar e encontrar o monstro para o destruir. Mas o monstro parecia brincar com ele. Ele encontrava pistas, muitas vezes mais vítimas no seu percurso de destruição, mas quando chegava já a criatura desaparecera, como acontecera com a sombra que eu vira a cruzar a

estrada e a romper no nevoeiro. A sua vida resumia-se à perseguição. Não sabia há quanto tempo a iniciara. Os dias eram de permanente nevoeiro há muito tempo.

- Esta é a minha desgraça e será a vossa se persistis em aventuras loucas - disse já com a voz muito fraca.

Querida irmã escrevo-te com uma enorme tristeza pois como decerto adivinhaste aquele homem, que eu quisera que fosse meu amigo, morreu. O coração do tamanho de um grão de areia. Não resistiu. Enterrámo-lo na beira da estrada. Não quisemos arriscar afastarmo-nos da estrada, por temermos perdermo-nos no nevoeiro.

Que significa este encontro com um homem extraordinário que acreditava viver ainda no século XVIII? Eu tenho a certeza que ele não era louco. Trabalhei, como sabes, muito perto de muitos doentes psiquiátricos para o saber. O discurso de Viktor era coerente e o seu comportamento, se era agitado e desesperado, nada tinha de loucura. Ter-se-ia Viktor aproximado demasiado da massa onírica do dessonho, sendo por ela tragado, tendo viajado no tempo para o futuro, através da singularidade espaço-tempo criada pelo buraco negro onírico?

A história é extraordinária, mas confirma a justeza da minha expedição. A sombra negra que vi é um enorme dessonho que cresceu desde o século XVIII. Prova que existe ainda um espécime de dessonho gigantesco, que se julgava extinto, criado na esperança de transformar o mundo. E eu serei capaz, se o encontrar, munido do meu controlador de aceleração onírica, de viajar através do buraco negro onírico para o passado ou para o futuro.

Quem sabe, talvez encontrar Viktor ainda feliz junto à casa à beira do lago na Suíça e iniciar assim uma bela amizade.

Reborn Walkon

Fev 2002